

APRESENTAÇÃO

FERNANDA RECHENBERG¹

MARCOS ALEXANDRE ALBUQUERQUE²

É com grande satisfação que publicamos este dossiê temático no terceiro número da Revista Mundaú do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas (PPGAS/UFAL). Com a escolha do tema deste dossiê, intitulado “Antropologia e Imagem: Produções, Acervos e Coleções Etnográficas”, buscamos sinalizar a existência de uma tradição em antropologia visual no nordeste, bem como evidenciar as tensões colocadas entre o ativismo indígena e as tradições coloniais na formação dos arquivos/acervos de imagens, tradições essas que têm sido confrontadas pelas formas emergentes de produção, compartilhamento e disponibilização de imagens na web e plataformas de hipermídia.

Os artigos reunidos neste dossiê nos oferecem um panorama de como a convergência entre a crítica acadêmica contemporânea e as reflexões em torno das produções visuais tem percorrido caminhos diversos na pesquisa antropológica. Nos últimos anos, além de ampliar consideravelmente sua importância como recurso metodológico no trabalho de campo, o uso de imagens e sons vêm também servindo como provocação epistemológica e campo de análise de diferentes contextos históricos e socioculturais. A natureza lacunar e muitas vezes idiossincrática dos acervos tem provocado pesquisadores a se indagarem acerca da persistência e circulação das imagens, de seus usos, apropriações e compartilhamentos frequentemente não previstos pelo antropólogo.

Recentemente ampliaram-se bastante os estudos antropológicos que investigam a centralidade do audiovisual na constituição de acervos os mais diversos: memória institucional; regimes particulares de memórias coletivas de comunidades tradicionais; acervos pessoais e de pesquisa de antropólogos; coleções etnográficas e seus vínculos coloniais; e, particularmente, análises e problematizações que emergem a partir de novas modalidades narrativas de organização/curadoria e uso do audiovisual em plataformas hipermídia.

Pautados nestas questões formulamos para este dossiê a proposta de reunir trabalhos que discutiram a produção, organização, curadoria e compartilhamento de acervos

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

² Professor do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

imagéticos e sonoros sob um olhar antropológico. Considerando a importância de se discutir metodologicamente o trabalho antropológico com imagens, o presente dossiê também convocou pesquisadores a indagarem sobre suas próprias práticas de colecionamento e a potência do audiovisual na produção de deslocamentos e reviravoltas na pesquisa. Assim, recebemos contribuições valiosas que discutem questões éticas, estéticas e políticas, presentes nos contextos de produção, guarda e compartilhamento de imagens e sons na prática antropológica.

Iniciamos o dossiê com o artigo de Marina Cavalcante Vieira, intitulado “Modernismo primitivista: as influências de coleções etnográficas e zoológicos humanos sobre a estética expressionista”, onde a autora apresenta uma interessante pesquisa de doutoramento sobre as relações entre zoológicos humanos, museus etnográficos e o expressionismo alemão. O artigo procura mostrar como a noção de “primitivo”, que vingava no final do século XIX em museus etnográficos e zoológicos humanos, teve profunda influência no surgimento do expressionismo. A autora mostra como os zoológicos humanos eram um fenômeno de massa que impactaram sobremaneira o imaginário da vanguarda artística alemã, muito evidente, por exemplo, nas obras do grupo Die Brücke. A invenção e popularização do cinema iriam permitir a migração destes elementos imagéticos para a produção de filmes. Estas produções procuraram mimetizar, em sua estética expressionista, o apelo a um modelo de primitivo oriundo das exposições de povos não ocidentais, tanto em coleções etnográficas quanto, principalmente, nos zoológicos humanos.

O artigo de Ana Paula Silva, “Arquivos: territórios indígenas”, também discute a produção de um campo de visibilidade e imagética sobre o outro. A partir de uma etnografia de arquivos, a autora demonstra a importância de pesquisas em acervos os mais variados, encontrando importantes elementos para a compreensão da participação indígena na formação da sociedade brasileira do séc. XIX. O foco da pesquisa é a presença da população indígena na cidade do Rio de Janeiro neste período. Considerando os arquivos como territórios indígenas, a autora mostra como a cidade do Rio de Janeiro abrigava amplo contingente de indígenas em cortiços, cadeias e que fornecia mão de obra barata para diversos serviços de que a cidade necessitava, incluindo o serviço militar. Ao mesmo tempo, o artigo mostra como a cidade também era palco diplomático no qual lideranças indígenas de todo o país afluíram em busca de resolução de conflitos fundiários e garantias de direitos.

No artigo “Miradas sobre el reencuentro: dos contextos de devolución de las fotografías de Yaganes tomadas por Martin Gusinde (1918-1923)”, Daniella Carvalho Ramírez apresenta sua pesquisa junto às fotografias dos Yaganes, povo indígena da Patagônia austral, na fronteira entre Argentina e Chile. A autora focaliza as sucessivas mudanças de significados atribuídos às fotografias ao longo de um século, em dois contextos de “reencontro” dos Yaganes com as imagens. Se o primeiro contexto está envolto na construção de um

imaginário calcado na generalidade da noção de “fueguinos”, no segundo, acompanhando as transformações políticas e acadêmicas que engendram a nova museologia social, o museu desponta como instituição desencadeadora de uma nova leitura das imagens, a qual privilegia a recuperação de suas histórias individuais e familiares.

O processo de restituição também é tema do artigo de Alice Martins Villela, intitulado “O retorno dos antigos: compartilhamento do acervo fotográfico de Renato Delarole com os Asuriní do Xingu”, no qual a autora reflete sobre as transformações na relação dos Asuriní com as fotografias a partir do compartilhamento de imagens, mediado pela antropóloga durante sua pesquisa de doutorado. O agenciamento das fotografias produzidas por Renato Delarole nas décadas de 1970 e 1980, mostrou como a categoria dos “antigos” mobilizou a atenção dos Asuriní, interessados nos parentes já falecidos. Em um contexto de aceleradas transformações, a fotografia acionava lembranças aos mais velhos, que podiam rememorar entes queridos e os vínculos com eles estabelecidos no âmbito de práticas tradicionais, como é o caso dos arranjos matrimoniais que uniam as *jeremyga'ara* e *jeremymĩgá*.

Já os autores Caio Nobre Lisboa, João Martinho Braga de Mendonça e José Muniz Falcão Neto, apresentam a experiência de diversas pesquisas realizadas com levantamento e tratamento de imagens sob a premissa ética da continuidade dos laços sociais, sobretudo entre Universidade e comunidade de entorno na cidade de Rio Tinto/PB. No artigo intitulado “Fotografias, cinemas, fanfarras e sítios eletrônicos. Notas sobre acervos, pesquisas e compartilhamento em Rio Tinto”, os autores exploram as relações entre a formação de acervos e a pesquisa etnográfica com imagens, trazendo questionamentos acerca de autorias, apropriações e restituições no trabalho antropológico de compartilhamento de imagens e sons. As pesquisas apresentam um interessante vínculo entre as fotografias, vídeos e sons produzidos e colecionados por guardiões da memória nas cidades do Vale do Mamanguape, e aqueles produzidos e colecionados pelos antropólogos. Em um contexto de intensos investimentos locais na memória, a circulação de imagens nas redes sociais e a criação de comunidades virtuais voltadas à rememoração via postagens de fotografias e textos, sobressaem como campos emergentes de pesquisa para o antropólogo.

A questão da formação de acervos pelo grupo pesquisado, a partir das imagens produzidas pelo antropólogo, é discutida no artigo de Alexsânder Nakaoka Elias, intitulado “Devolver a imagem: a fotografia como ato etnográfico”. Realizando pesquisa etnográfica junto à comunidade budista Honmon Butsuryu-shu (HBS), o autor focaliza as relações de reciprocidade em um contexto de religiosidade budista a partir da entrada da câmera fotográfica na cena etnográfica. Em sua pesquisa, são as imagens do antropólogo-fotógrafo que passam a ter sua autoria questionada e problematizada. Nesse caminho, o entendimento de que as imagens que integram o acervo foram coproduzidas nas interações provocadas em

campo e nos usos posteriores por parte do antropólogo e de seus interlocutores, corrobora a centralidade da fotografia para ambos.

No artigo e o ensaio fotográfico “Longas tardes: mosaicos fotográficos de crianças em Acupe/BA”, a autora Maria José Villares Barral Villas Boas analisa a sua produção de um ensaio fotográfico composto de mosaicos formados por imagens de “crianças experimentando a vida”. O mundo do trabalho, esportes, relação com a natureza e as brincadeiras são retratadas com sensibilidade pela autora. Localizada no Recôncavo Baiano, a localidade de Acupe é ponto de partida pra autora analisar a “construção de si” das crianças. Utilizando a fotografia e uma antropologia participativa, a autora dá visibilidade a essa “construção de si” valorizando os momentos em que performances são encenadas como parte do processo de construção imagética desta auto-percepção.

Alfredo M. Pontes, em seu artigo “Antropologia partilhada e montagem do filme etnográfico: narrativa sobre o processo de realização de Bravo”, analisa a realização do seu filme etnográfico BRAVO (2017). O autor reconstitui elementos que considera fundamentais e relevantes na dinâmica da relação entre pesquisador e atores sociais na construção de um filme etnográfico. A partir da noção de antropologia compartilhada o autor discute como a montagem de um filme deste gênero exige uma postura ética e metodológica bastante particular, uma vez que estão em jogo aí a representação e visibilidade pública do outro. Documentando o cotidiano de Fernanda (mulher transexual, brasileira imigrante no continente europeu, trabalhadora sexual e artista performer do grupo TRANSHOW), o autor expressa as dificuldades e tensões de como representar imageticamente a densidade e a natureza das identidades não binárias e questionadoras dos padrões de gênero. Seu dilema e tema do ensaio: como representar o cotidiano de pessoas nas margens do sistema sem cair em rótulos e modelos de exotismo que insistem em monopolizar a verdade do outro?

Por fim, encerramos os artigos do dossiê com o desafio de explorar as dimensões sensoriais na antropologia, tema do artigo “Ver o invisível: sobre experimentar e refletir a prática fotográfica/antropológica”, de Sarah Victória Almeida Rodrigues. Tendo como ponto de partida as provocações colocadas pela inclusão de pessoas cegas no Projeto Alfabetização Visual, atividade extensionista do Centro Universitário SENAC–SP, a autora se indaga sobre a centralidade da experiência visual na prática antropológica e a possibilidade de acionar outros sentidos na produção de conhecimento. Na produção fotográfica por pessoas cegas, por exemplo, a multissensorialidade é fundamental, pois o ato fotográfico neste caso envolve uma dimensão integral e integrada do corpo: o corpo inteiro participa das escolhas técnicas e estéticas para se obter uma fotografia, tais como enquadramento, composição e profundidade de campo. As preocupações da autora, nesse sentido, nos conduzem aos desafios da interdisciplinaridade nas produções antropológicas, em busca de possíveis representações das experiências sensoriais.

Apresentação

Convidamos os leitores a percorrerem a diversidade dos trabalhos apresentados neste dossiê, esperando que este encontro de imagens, acervos, coleções e produções ajudem a fomentar novas práticas de pesquisa em antropologia visual. Boa leitura!